

## A NÃO-TRANSPosição TEMPORAL NO ESTILO INDIRETO LIVRE

ZILIA MARA SCARPARI SCHMIDT\*

Permitimo-nos lembrar o artigo que publicamos no último nú;mero desta revista<sup>1</sup>, onde expusemos as marcas das diferentes formas de reprodução do discurso, tendo-nos servido, para tanto, de exemplos retirados da obra "La Semaine Sainte", de Louis Aragon.

Vimos que, opondo-se ao estilo direto e ao estilo indireto, o estilo indireto livre não funciona como objeto direto de um verbo introdutor, embora possa servir de aposto deste complemento. Do estilo direto, o indireto livre empresta a entonação e grande parte da textualidade das palavras. Como o indireto, transpõe as pessoas gramaticais, e, estando o contexto narrativo no passado, transpõe igualmente os tempos dos verbos.

Desde a sua sistematização, nos séculos dezesseis e dezessete (quando se derivou do estilo indireto, mais propriamente da preocupação de corrigir a inconveniência de constantes repetições do bais da reprodução direta, ainda que estes fossem encerrados na vínculo conjuncional), sempre se inclinou a utilizar os tempos ver-perspectiva temporal do narrador, como o atestam, por exemplo, fábulas de La Fontaine ou escritos de La Bruyère. Com os autores modernos, essa tendência se desintimida, chegando o estilo indireto livre a entrar em dissonância com o plano cronológico do discurso referencial. É também freqüente a não-transposição momentânea de

---

(\*) Mestre em Letras na opção Língua e Literatura Francesa pela Universidade Paul Valéry (Montpellier, França), publicou na revista *Letras* n.º 21/74, "Le Style Indirect Libre dans La Semaine Sainte de Louis Aragon", estudo feito a partir de sua Dissertação de Mestrado. Neste número, desenvolve, ainda, alguns aspectos abordados no seu trabalho inicial.

1 Le style indirect libre dans "La Semaine Sainte" de Louis Aragon. *Revista Letras*, Curitiba (21/22):97-117, 1973/74.

um só verbo, em contraste com a decadência sintática normal dos outros que integram as palavras de um mesmo emissor.

Não seria justo afirmar que a violação das regras de concordância dos tempos seja simplesmente um reflexo da tendência da língua oral. Esta liberdade, muitas vezes taxada de negligência ou de incoerência por certas gramáticas tradicionais, permite, no entanto, conservar determinados valores próprios de cada tempo, e, num discurso reproduzido, reduzir a distância entre leitor e personagem, por meio de um afastamento do narrador. O fato é que produzem bons resultados, no estilo indireto livre, o presente ou o futuro não-transpostos, ou a textualidade dos chamados "tempos" do subjuntivo, como tentaremos demonstrar a partir de exemplos ainda fornecidos por Aragon.

### 1. A não-transposição dos "tempos" do subjuntivo

Creemos conveniente abordar, de maneira sucinta, a teoria de Gustave Guillaume sobre a formação dos modos verbais na língua francesa.

É perfeita a imagem que se tem do tempo (presente, passado e futuro), resultado de uma operação do espírito. Esta operação, que permite à consciência construir uma imagem-tempo, Guillaume denomina **chronogenèse**. Antes de se operar a cronogênese, o pensamento não realiza a imagem-tempo, que é tão somente potencial. Temos aí a primeira **chronothèse**, a do tempo **in posse**, compreendendo os modos nominais (infinitivo e particípio), que não exprimem nenhuma noção temporal. Abandonando esta posição inicial (I), num momento intermediário (M), momento em que a cronogênese já está operando, situa-se o tempo **in fieri**, que corresponde ao modo subjuntivo, onde as épocas mal se distinguem. "Les choses se passent comme si le temps au subjonctif ne formait qu'une seule grande époque et ignorait la coupure du présent nécessaire à la division du temps en époques opposables."<sup>2</sup> A secção do presente, que permite a divisão do tempo em épocas oporáveis e onde a expressão das formas já é clara só se verifica na posição cronogenética final (F), a do tempo **in esse**, ou já atualizado no pensamento, que corresponde ao modo indicativo. Os modos são, portanto, etapas no processo da atualização.

O subjuntivo é um modo amorfo, sem distinção de épocas. O que ele denuncia, "c'est le sens prospectif ou rétrospectif dans lequel s'opère la genèse du temps in fieri; autrement dit si la pensée le crée, toutes époques réunies, en le remontant du passé au futur ou

2 GUILLAUME, Gustave. *Temps et Verbes*. Paris, H. Champion, 1970, p. 31.

en le descendant du futur au passé.”<sup>3</sup> Por conseguinte, as noções tradicionais que distinguem, na língua francesa, um “presente”, um “imperfeito”, um “passado” e um “mais-que-perfeito” do subjuntivo parecem-nos incorretas. Mantivemos, porém, esta terminologia, por razões pragmáticas.

Além da natureza lingüística e cronogenética, também determina a escolha dos tempos a sua natureza semântica: o subjuntivo presente, indeterminado e prospectivo (valor temporal) é apto a traduzir o processo cuja realização se encara como possível ou eventual (valor modal); daí sugerir o fenômeno da atualização; este presente pode revelar, ainda, sob o ponto de vista aspectual, a permanência ou a duração maior ou menor do processo. O imperfeito, retrospectivo e apresentando o fato como já realizado (valor temporal), será apto a traduzir o que não é mais possível ou realizável (valor modal); e o que foi possível no passado pode ser considerado irreal presentemente; daí o “quantum” maior ou menor de virtualidade que pode marcar o subjuntivo imperfeito. Este “tempo” sugere, também, como o “passé simple” indicativo, o aspecto pontual dos acontecimentos (ações rápidas e únicas).

Sylvestre disait que, de toute façon, elle ne pourrait pas demeurer ici, puisque le Roi se retranchait vers le nord, qu'il y restât ou ne fît que passer, vers l'Angleterre ou la Belgique, la Picardie risquait de devenir l'enjeu militaire entre les troupes fidèles et l'armée de Napoléon, et puis, on pouvait s'attendre à ce que les alliées ne restent pas l'arme au pied... s'il y avait une seconde invasion? Non qu'il le souhaitât, mais... c'était une éventualité logique...<sup>4</sup>

O discurso começa em estilo indireto: além das transposições de tempo e de pronomes, as conjunções mostram que, a princípio, acha-se encerrado na perspectiva total de um narrador, que o introduz por meio de um verbo declarativo. Aí já existe uma nota atualizadora: a não-transposição do advérbio (*ici* ao invés de *là*). A atmosfera psicológica de Sylvestre, observada no próprio ritmo da frase, logo entra em choque com as intransigências gramaticais do estilo indireto. Pela supressão progressiva da conjunção, o discurso toma a forma indireta livre, chegando mesmo a não transpor o presente do subjuntivo, que evoca o momento atual da alocação e assegura as chances de realização da hipótese aventada por Sylvestre. O presente poderia favorecer a não-transposição temporal do resto

3 Ibid., p. 71-2

4 ARAGON, Louis. *La Semaine Sainte*. Paris, Gallimard, 1958. v. I, p. 233.

das frases, uma vez que até aqui o discurso obedeceu, nitidamente, a um processo gradativo de atualização. No entanto, o emprego normal do subjuntivo imperfeito tem o seu rendimento semântico: acen-tua a recusa do personagem em admitir o fato como possível, apesar da probabilidade de realização que o próprio emissor, logo depois, se obriga a aceitar.

A não-transposição temporal pode provocar um deslocamento de ponto de vista:

Qu'est-ce qu'il voulait son père? Qu'il déserte? (I 70)<sup>5</sup>

O emprego do subjuntivo presente faz encaminhar prospectiva-mente o processo e enfatiza o desejo do pai de Théodore, apresen-tado desde modo como uma perspectiva provável, como uma reali-dade desejada e desejada de maneira permanente. Os valores tem-poral e modal da oração completiva são postos em relevo pela pró-pria posição em que ela se apresenta: encontra-se afastada do verbo principal no imperfeito, graças à pausa proposta pela interrogação, que neutralizou, aliás, o choque da não-concordância. Assim, é bem clara a ruptura entre o plano cronológico do narrador e o plano cro-nológico do personagem. Somos tentados a perceber, aí, uma so-breposição de vozes: o subjuntivo presente desvenda mais as palavras do pai, adivinhadas por Théodore, do que as deste último, a quem pertence, em princípio, o discurso indireto livre. A não-transposição temporal descobriu, assim, o drama íntimo de um filho que reluta (a entonação da frase o demonstra) ante a vontade de seu pai.

A textualidade do subjuntivo ocorre, em muitos casos, depois de uma conjunção concessiva. Isto porque a oração concessiva, mais livre que as outras "subordinadas" em relação ao verbo principal, escapa mais facilmente a seu cinetismo.

Il (Bernard) regardait ces cinq imbéciles... Il commen-çait à les prendre en pitié... bien que le frisé, il ait une gentille frimousse, et l'autre avec sa voix de serin-gue, le plus sympathique c'était le grand pendard... (II, 101)

O jogo dos tempos verbais, aliado à estrutura particular das frases, traduz o estado de embriaguês de Bernard. O emprego do presente do subjuntivo, liberado pela conjunção concessiva, facilita uma aproximação do personagem. Mas Bernard é incapaz de racio-nar ou de perceber as coisas de maneira lógica, de guiar sozinho

---

5 Os algarismos que acompanharão os exemplos citados correspondem ao número do volume (romanos) e da página (arábicos) do romance abordado.

seu próprio discurso. O narrador vem então em sua ajuda. Passando habilmente por um anacoluto ("et l'autre avec sa voix de seringue"), o discurso retoma o plano temporal do narrador, que se revela por detrás do imperfeito. O presente transposto é, aliás, no exemplo, o sustentáculo de um estilo indireto livre bastante ousado, pois só aparece a partir da conjunção concessiva, numa continuação harmônica da parte referente ao narrador. Não fosse o imperfeito a atualização sugerida pelo presente do subjuntivo faria com que o discurso derivasse para o estilo direto.

Aliás, em casos de tempos não-transpostos, é quase sempre delicado o limite entre o estilo indireto livre e o direto. Não havendo um sinal pertinente, por exemplo, o retorno à transposição temporal no prolongamento da mesma frase (a textualidade do tempo tendo sido, portanto, apenas momentânea, como no exemplo acima) ou a natureza também transposta dos pronomes, pode haver uma variação ardilosa das duas formas de reprodução do discurso:

Si seulement il avait pu emporter avec lui le portrait de Giuseppa par Gérard! Giuseppa... pourvu que ce soit pas grave! (II 74).

O anacoluto e os sinais tipográficos propiciam a mudança harmônica do cinetismo temporal. Na falta de pronomes, o tempo textual preencheu, no caso, os requisitos para fazer da frase onde se encontra, a expressão de um discurso direto.

No estilo indireto livre, o imperativo, passando à terceira pessoa, toma a forma de um subjuntivo. Logo, além da transposição temporal e pronominal, o imperativo sofre, igualmente, uma transposição modal. Mas este só se realiza na segunda pessoa, que empresta do indicativo, pois aquele que manifesta uma ordem compreende a consumação do processo. Na terceira pessoa, recorre-se ao subjuntivo presente, que apresenta o processo como realizável; mas, em nível de língua, não existe diferença entre um desejo e uma ordem em terceira pessoa. Como tal diferença é feita somente em nível de discurso direto, em estilo indireto livre é difícil percebê-la.

Em "La Semaine Sainte", se o autor faz a transposição modal, permanece o tempo do modo alocutivo.

A transposição temporal não seria capaz de traduzir uma ordem (ou um desejo), cuja consumação é esperada ansiosamente num futuro mais ou menos próximo:

Lui, n'avait pas besoin de lit: qu'on le laisse coucher sur le sol, dans l'écurie ou le grenier... (II 210)

Um discurso vivamente atualizado não aceita um subjuntivo presente transposto:

Müller se fâcha, s'en fut chez la Mère, jeta cinquante francs sur la chaise et dit que ça ne tenait pas debout: ou il était reconnu comme vétéran compagnon, passé maître, ou que l'on fiche la paix à son garçon. (I 376)

A atualização das palavras, sentida na influência do registro do personagem sobre o registro do narrador, na passagem do estilo indireto ao estilo indireto livre e no caráter enérgico do desejo (ou da ordem), só pode exigir o subjuntivo presente.

Construções tipicamente alocutivas, o imperativo e o chamado optativo em francês tendem, portanto, no discurso reproduzido, à realização textual dos tempos, e desta maneira estão muito próximos do estilo direto:

Simonneau éclata de rire. Le démissionnaire réclamait neuf cents francs! Qu'il s'adresse au Maréchal Davout! (I 327)

## 2. A não-transposição dos tempos do indicativo

O estilo indireto livre é muito sutil em se tratando de desvendar a atmosfera psicológica daquele que fala ou pensa. O presente é o tempo característico do testemunho interior. Logo, entre o estilo indireto livre e o presente pode existir uma aliança bem sucedida. O futuro textual também atualiza o discurso, pois através dele é o próprio presente — a partir do qual é visto — que é evocado e atualizado. Sem a transposição temporal, que evidencia a presença do narrador interpondo-se entre o leitor e o personagem, o discurso reproduzido nos chega o menos indiretamente possível, embora, graças à alteração dos pronomes, não deixe de manter sua natureza indireta:

... il était là se rongeant de la déconfiture de son entreprise, du marasme des tapis de pied... Les responsables sont les ultras qui passent la ville en débandade, ces gens qu'il lui a fallu coucher. Qui sait, avec Napoléon de retour... Il n'est plus assez jeune pour faire le préfet... mais peut-être que les affaires vont reprendre. (I 272)

Nas locuções compostas do verbo *être* com o pronome *ce*, que lhe serve de sujeito gramatical, o verbo fica, em geral, no presente.

Em razão de sua oralidade, estas locuções atualizam as palavras reproduzidas.

Berthier s'inquiétait: il aurait voulu, après le dîner, interroger un peu mieux Macdonald. On les rejoindrait... c'est vite dit. (II 72).

Pour autant, que l'aide-de-camp de Mormont en savait, M. avait décidé de ne point attendre l'éclaireur envoyé à Amiens... Eh bien... Il n'y avait qu'à souhaiter qu'Exelmans ne se hâtât point, c'est tout. (I 370).

Se o presente houvesse obedecido ao cinetismo temporal do contexto, a espontaneidade de tais expressões teria sido prejudicada. O contraste entre o subjuntivo imperfeito e o presente do indicativo, no último exemplo, enfatiza a passagem ao plano temporal do personagem.

No exemplo a seguir, somente uma das duas locuções construídas com o pronome **ce** e o verbo **être** conserva o presente, quando poderíamos ter a transposição cu a não-transposição de ambas.

Maison raconterait ce qu'il voulait: il était là, lui, depuis le soir, et il avait laissé s'établir le désordre. Les civils, les fuyards, c'est une chose. Mais les militaires? Qu'est-ce que c'était, à six heures du matin, sur le pas de la caserne, que cet air de subversion permanente? (I 204).

Além da tonalidade de registro familiar, o presente assegura, na expressão "c'est une chose", a constância da afirmação. Entretanto, ao se conservarem o valor temporal e o valor aspectual do verbo, a frase fez-se do estilo direto, embora esteja quase que aglutinada ao estilo indireto livre das outras que a circunvizinham. Depois desta súbita aproximação do personagem, ocasionada pela textualidade momentânea do tempo, volta-se à decadência sintática do campo temporal: deve-se justamente ao presente transposto, na locução **qu'est-ce que c'était**, o caráter indireto livre das frases que terminam o discurso. Notemos, eventualmente, que o presente é idiomático na locução **qu'est-ce que**.

Mantendo-se as formas verbais autênticas, são preservadas, portanto, as diferenças de aspecto, de tempo e de modo, que desapareceriam se houvesse a sua transposição normal.

Macdonald décide de faire un tour dans cette ville qu'il connaissait mal... Dieu sait ce qu'il s'y trafiquait! Une bourgade, pas plus, mais toute en façades... (I 205)

A não-transposição parcial do tempo garante o aspecto permanente do presente que, aliás, não saberia ser transposto, no caso acima.

Parce que lui, il avait peur, la nuit sur les routes, d'autant qu'à des moments pareils tout est possible, on ne peut pas compter sur la maréchaussée. (I 191)

O presente não-transposto permite situar o processo no tempo indiviso. Mas o presente amplo se torna menos virtual num discurso reproduzido, pois sua generalização exclui qualquer adesão do narrador, que renuncia a seu domínio temporal para deixar mais livre a expressão do personagem. A transposição do tempo, ao contrário, encerra as palavras na cronologia daquele que as reproduz, cuja presença, então, se manifesta. Portanto, a observação de Paul Imbs não é pertinente em caso de discurso reproduzido:

"Là où le présent se maintient, le sujet parlant ou écrivant considère que les affirmations énoncées à l'aide de ce temps sont également valables pour lui, dans le présent de sa parole actuelle: entre deux temps en conflit, c'est le présent qui l'emporte.

"L'attraction temporelle place au contraire l'affirmation dans la seule perspective du verbe principal et de son sujet, ce qui peut avoir pour effet de faire croire... que l'auteur adhère moins à ce qu'il rapporte."<sup>6</sup>

... et pour lui, jamais, non jamais, il n'accepterait d'aller finir ses jours chez les Anglais! mieux valait tomber aux mains de Bonaparte... Il y a des choses qu'on ne recommence pas. (I 195)

Bernard prit avec lui l'échelas sur le siège. Il avait si mauvaise mine, un peu d'air lui ferait du bien; en tout cas, la pluie, cela dessoûle. (II 103)

Apesar da generalidade do presente, o processo atinge um nível de atualização que isenta qualquer participação do narrador, a tal ponto que o discurso não resiste à influência do estilo direto.

Théodore se mit à lire. Il était vrai que l'article de Benjamin Constant n'était pas celui de quelqu'un qui s'attend à l'entrée de l'Usurpateur dans la capitale. (I 65)

Por meio do presente do indicativo entramos no domínio temporal do personagem, que constata um fato cuja constância não pode ser explicada senão dentro de seu momento atual. A não-transposição do verbo constitui, então, quase que a verdadeira marca do estilo indireto livre.

6 IMBS, Paul. *L'Emploi des Temps Verbaux en Français Moderne*. Paris, Klincksieck, 1968, p. 30.



Quant à Berthier, les paroles rapides de Macdonald à Abbeville sur sa rencontre à Saint-Denis, et "le petit accident" qui avait forcé Mme. Visconti à rebrousser chemin vers la capitale, c'était assez pour lui ôter le sommeil. Il n'aurait jamais dû partir... jamais dû partir... Re-verra-t-il jamais Grosbois, et son hôtel des Capucines? (II 74).

O futuro II ou hipotético (como Guillaume denomina o "condicional"), em seu aspecto composto, não transpõe, neste discurso indireto livre, o futuro I ou categórico (cu seja, o futuro do presente). Trata-se do chamado "condicional-modo", cuja neutralidade temporal prepara a textualidade do tempo que o segue (**re-verra-t-il**), em oposição à visão retrospectiva do narrador. Se, por decadência sintática aparecesse a decadência morfológica, expressa no verbo pela terminação **-ait**, ter-se-ia reduzido a uma mesma forma futuro I e futuro II, e haveria sempre um "quantum" hipotético que a aproximaria daquela em que o futuro II é empregado por sobrecarga de hipótese (condicional-modo), ocasionando, por conseguinte, considerável prejuízo do valor modal intrínseco do futuro I: aquele em que as chances de realização primam sobre a irrealidade ou a mera possibilidade contida no futuro II. Possuidor de uma parcela de suposição, uma vez que se refere ao porvir, mas, por outro lado, tempo do indicativo e possuidor de asserção, o futuro I é utilizado para sugerir a probabilidade de uma hipótese, daí sua denominação de "categórico". Berthier se interroga e, no entanto, nesta interrogação há uma certeza: ele sabe intimamente que não verá os lugares que lhe são caros. É justamente a conservação do verbo não-concordante que permite desvendar esta nuance semântica.

A não-transposição temporal pode tornar menos demarcadas as fronteiras entre o discurso indireto livre e o discurso direto, ou entre o primeiro e o discurso referencial, sobretudo se o narrador se abstém da visão retrospectiva dos fatos.

Il (Théodore) n'avait jamais été qu'un soldat qui se trompait de route. Robert Dieudonné avait raison jadis, que ne l'avait-il pas écouté! Un soldat, ça va le soir dans les cafés, en bande. Ça chante et braille. Ça dispute et court les filles. (I 37)

Neste caso, o interesse da textualidade temporal reside na intenção de sublinhar, com elementos lexicais e sintáticos particulares, uma mudança de registro no interior do discurso de um mesmo personagem, e, conseqüentemente, uma mudança de voz. A comu-

nicação de Théodore é reproduzida em estilo indireto livre, na qual o personagem insere as concepções e a linguagem de Robert Dieu-donné. Temos aí outra sobreposição de duas mensagens. É certo que, para nos apercebermos disso, foi necessário recorrer à situação contextual, que nos forneceu a identificação do registro do tenente, diferente da do pintor Théodore. Mas a ambiência da primeira comunicação não nos permite generalizar todo o exemplo como sendo de um só tipo de reprodução do discurso. Na verdade, as palavras que Théodore empresta do outro personagem apresentam as marcas de um discurso direto que adentra os limites da reprodução indireta livre.

Finalmente, diante do trecho seguinte, há que se perguntar onde tem início o monólogo interior:

Simon est pris d'une immense lassitude. Il y a une église devant lui. Il y entrerait bien. Parce que dans les églises on s'assoit. Mais il faut chercher du travail, et à cette heure on peut se faire embaucher pour le coltinage sur les marchés. (II 212).

A frase introdutória pertence a um narrador. O futuro II é textual, e a oração a que ele pertence é o do estilo indireto livre (atestam-no sua autonomia sintática, a transposição pronominal, a marca semântica **bien** e o verbo no "condicional-modo", cujo emprego, numa narrativa imparcial, só se justifica em discurso reproduzido), bem como a causal, intimamente ligada à oração anterior, apesar da pontuação. A partir da conjunção adversativa, temos ainda as palavras de Simon (o atualizador **cette** e o léxico particular do personagem podem constatá-lo, se não quisermos recorrer à nossa lógica). Mas aí, a natureza não distintiva do pronome e dos tempos verbais confunde estilo direto e indireto livre. Onde começa, no entanto, o discurso reproduzido? Informados sobre a lassidão de Simon, não poderíamos aceitar "Il y a une église devant lui" como um fato por ele percebido e reproduzido, logo, uma transposição de "Il y a une église devant moi"? Uma vez que a percepção visual emana de uma visão turvada pelo cansaço, não teria o personagem preferido exprimir-se indiretamente a fazê-lo de maneira direta?

Eis que, ao recorrermos puramente à nossa lógica, podemos rumar por caminhos pouco seguros. Mas não podemos negar aí as limitações de uma análise puramente gramatical.

Um fator comum engloba todos os que determinam a não-transposição temporal no estilo indireto livre: a preocupação do autor de

evitar qualquer intervenção no discurso do personagem, liberando-lhe a palavra e dissimulando, ao mesmo tempo, a identificação do narrador.

O tempo não-concordante constitui um "embrayeur" (no sentido que Jakobson dá a este termo) que determina uma mudança no eixo da comunicação: a passagem do domínio temporal do narrador ao plano atual daquele cujo discurso se reproduz.

Uma vez mantidas as formas autênticas dos verbos, seus valores temporais, modais e aspectuais vão aparecer. Certas locuções, colhidas no registro familiar, que só afirmam sua espontaneidade se construídas com o verbo no presente, dão uma realidade de língua oral a um tipo de discurso indireto que normalmente não se fala. Algumas afirmações que comportam uma verdade, só podem assegurar sua permanência se formuladas no presente. Outras só têm sentido no momento atual de sua emissão, forçando, por isso, a não-transposição temporal.

A textualidade dos tempos pode atingir parte da frase; então o contraste com o cinetismo descendente dos outros verbos evidencia os valores intrínsecos dos verbos não-transpostos.

Terminando o discurso indireto livre, a forma verbal autêntica pode ser consequência de um processo de atualização progressivo, que estabelece uma aproximação cada vez maior entre leitor e personagem. Por este processo, e na ausência de um pronome distintivo, as palavras tendem a não escapar à atração do estilo direto, convertendo-se, efetivamente, na mais atual das formas de se reproduzir um discurso. A conversão ocorre, em geral, de forma sutil e capciosa, pondo muitas vezes em questão as fronteiras entre estilo indireto livre e estilo direto. E quando o discurso indireto livre se encontra em conformidade com o presente do discurso referencial, pode ser difícil estabelecer os limites entre ambos, tendo em vista a liberdade com que tende a se realizar o primeiro, fonte de recriação por parte do autor.

Em "La Semaine Sainte", o emprego do tempo verbal não-concordante, embora quase sistemático, está sujeito à arte consciente de Aragon; às vezes, obedecer à decadência sintática da subordinação ou à decadência estilística, pela qual se passa de um tipo de discurso a outro, é mais rentável como fato de estilo. Enfim, é de acordo com o pensamento do emissor que o autor decide fazer ou não a concordância temporal.

## RESUMO

Apesar da liberdade com que se realiza o discurso reproduzido em estilo indireto livre, a transposição dos tempos, observada numa narrativa no passado, encerra-o na perspectiva cronológica de um narrador.

Sempre orientados pela objetividade, os autores modernos tendem a emprestar ao estilo indireto livre a comunicação textual do estilo direto. Assim, Aragon suprime a transposição temporal, esta intermediária entre o leitor e o personagem, que lembra a intervenção do narrador.

Uma vez mantidas as formas autênticas dos verbos, seus valores temporais, aspectuais e modais são assegurados. Mas o que realmente determina a conservação dos tempos, é o desejo de atualizar as palavras do emissor, para que toda nuance psicológica que possam conter, seja imediatamente perceptível ao leitor.

## RESUMÉ

Malgré la liberté avec laquelle le discours reproduit se réalise en style indirect libre, la transposition des temps, observée dans un récit au passé, enferme les paroles dans la perspective chronologique d'un narrateur.

Toujours orientés vers l'objectivité, les auteurs modernes ont tendance à ramener la communication textuelle du style direct au style indirect libre. Ainsi Aragon supprime la transposition temporelle, cet intermédiaire entre le lecteur et le personnage qui rappelle l'intervention du narrateur.

Une fois maintenues les formes authentiques des verbes, leurs valeurs temporelles, aspectuelles et modales sont assurées. Mais ce qui détermine surtout la conservation des temps, c'est le souci d'actualiser les paroles de l'émetteur, pour que toute nuance psychologique qu'elles peuvent contenir soit immédiatement perceptible au lecteur.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGON, Louis. *La semaine sainte*. Paris, Gallimard, 1958 2 v.  
BARRAL, Marcel. Remarques sur l'emploi des temps du subjonctif en français modernes. *Revue des Langues Romanes*, Montpellier, 79 39-78, 1965.  
GUILLAUME, Gustave. *Temps et verbes*. Paris, H. Champion, 1970. 134 p.  
IMBS, Paul. *L'emploi des temps verbaux en français moderne*. Paris, Klincksieck, 1960 272 p.